

horário previsto para o início da festa, recomeçando logo após o término, duas horas depois.

No mesmo apêndice, transcrevo ainda pormenorizadamente a curiosa história da serra de fita pertencente ao mesmo regimento. Um dia, uma galinha morreu ao voar até a serra e os operários negros disseram que o fato ocorrera porque o deus do ferro tinha de receber oferendas. Martin Delany não permitiu a cerimônia porque nela seria necessário degolar um cachorrinho. Dois dias depois outra galinha voou até a serra. Passado algum tempo, a máquina exigiu reparos porque embora a eletricidade estivesse desligada, a serra começou a girar e provocou um corte profundo na mão do manobreiro. Os mecânicos passaram horas inspecionando a serra e os fios, afirmando que era absolutamente impossível que a máquina tivesse “ligado sozinha”. Finalmente, um dia a serra de fita “desgarrou” quando cortavam um tronco, e uma bola de metal retorcido atingiu o operador, matando-o na hora. Martin Delany acabou concordando com o sacrifício do cachorrinho, e os acidentes não mais se repetiram.

Esquecendo a hipótese da coincidência, duas explicações parecem possíveis. Ou o próprio feiticeiro provocava os acidentes através de alguma forma de psicocinese, ou “mau olhar”, ou o medo exercido pela massa de trabalhadores os provocava. Martin Delany logo excluiu o feiticeiro, visivelmente um velho bondoso. A segunda hipótese certamente se ajusta melhor à idéia que defendemos. A maioria das pessoas já sentiu algo desse tipo em escala menor: uma sensação tensa e nervosa de que alguma coisa não vai dar certo, seguida de um acidente qualquer.

Provavelmente, a melhor maneira de se compreender as bruxas da Europa seja analisar os relatos de pessoas que testemunharam a bruxaria praticada atualmente na África. O livro *Witness to Witchcraft*, de Harry B. Wright, apresenta casos interessantes. Fala da “dança do trovão” e, Abomey, na África Ocidental, como exemplo da “estranha harmonia que parecia existir entre as práticas primitivas desses povos e as forças da própria natureza”. Um nativo alto dançava com intrincadas contorções, brandindo no ar uma comprida vara de dança. “Era um dia ensolarado até o início da dança, quando de repente olhei para acima e vi o céu carregado de nuvens.” Contudo, o soberano do lugar disse a Wright: “Não vai chover porque só chove com a dança da chuva.” E não choveu. Também nesse caso, observe-se que Wright sentiu-se participante do êxtase provocado pela dança. Terminada a cerimônia, o céu limpou novamente.

Wright também descreve a “dança do leopardo”, talvez menos difícil de explicar. Uma garota alta e bonita dançava à luz das fogueiras, e um companheiro africano de Wright garantia que estava vendo leopardos. Wright só via sombras à volta da moça. Aparentemente, os nativos acompanhavam os leopardos invisíveis com os olhos. E então, no auge da cerimônia, três grandes leopardos surgiram do meio do mato, atravessaram correndo a clareira e sumiram na floresta pelo outro lado. Um deles tinha uma galinha na boca. “Se eu

me encontrava em transe provocado por algum processo de hipnotismo em massa, tratava-se de algo excelente, porque me sentia desperto e em condições normais.” Mas não há por que pensar em termos de hipnotismo. Os animais são telepáticos e, naquelas circunstâncias, nada mais provável do que uma família de leopardos verdadeiros conferirem se os “leopardos mentais” não estariam realmente invadindo seu território, ou se mais uma vez se tratava apenas de brincadeira dos nativos. (O chefe explicou a Wright que eles invocavam o trovão “apenas para se divertirem”).

Isso tudo oferece ao menos uma explicação parcial para dois mitos que vêm de tempos remotos: o vampiro e o lobisomem. Montague Summers trouxe à luz tantos deles que conseguiu dedicar dois grandes volumes apenas aos vampiros.

O período pós-freudiano reconheceu a base sexual do vampirismo e da licantria. O desejo sexual masculino geralmente é bem mais forte do que o feminino. A ninfomania é rara entre as mulheres, mas quase todo homem saudável é um sátiro — ao menos em imaginação. A mini-saia é um reconhecimento tácito desse fato: sobrevém no homem um desejo bastante impessoal quando ele entrevê as regiões sexuais da mulher. Seria difícil imaginar uma sociedade em que os homens usassem túnicas curtas para que as mulheres vissem seus membros. Poucas seriam as que *gostariam* de ver e que se sentiriam estimuladas. Com a maioria ocorreria exatamente o contrário. Já a mulher sabe que pode conquistar um homem com mais facilidade se levantar um pouco o vestido, do que por uma demonstração mais sutil de seus encantos. (Achei divertida a história de um amigo jornalista, a respeito de como passou a se interessar mais pela esposa. Ambos faziam teatro amador, e um dia, quando ela subia numa escada, o maiô rasgou e ele notou que ela estava de calcinha transparente. “Vi que ela tinha qualidades que saltavam à vista, e eu não enxergava”, disse ele. Atualmente formam um casal feliz há muitos anos.)

O desejo sexual violento e impessoal do homem torna-se perigoso quando frustrado, podendo originar a crueldade. O retrato do criminoso sexual Moosbrugger em *The Man Without Qualities*, de Robert Musil, ressalta exatamente a frustração do oficial de carpintaria que tem “sono agitado” e vagueia de cidadezinha em cidadezinha, jamais tendo oportunidade de satisfazer seu desejo. “Aquilo que uma pessoa deseja — de modo natural, como se deseja pão ou água — está ali apenas para se olhar. Depois de algum tempo, o desejo deixa de ser natural. O objeto do desejo passa pela rua, a saia roçando as pernas, sobe uma escada, enxerga-se até os joelhos. . .” Em *Casebook of Murder* (1969), de minha autoria, falo da frequência com que desocupados como Moosbrugger acabam cometendo crimes sexuais. A fúria do desejo pode se transformar em ódio contra as mulheres. O assassino de Birmingham, membro da Associação Cristã de Moços, Patrick Byrne, disse que matava para “se desforrar das mulheres, que provocam tanta tensão pelo sexo”. O criminoso alemão Pommerenke cometeu seu primeiro assassinato sexual num parque, após ver um filme chamado *Os Dez Mandamentos* e se convencer de que todas as